



INTERSECÇÕES ENTRE AUTORITARISMO, SEMIFORMAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO INERENTES À EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL BRASILEIRA

INTERSECCIONES ENTRE AUTORITARISMO, SEMIFORMACIÓN Y DISCRIMINACIÓN
INHERENTE A LA EXPERIENCIA EDUCATIVA BRASILEÑA

INTERSECTIONS BETWEEN AUTHORITARISM, SEMIFORMATION AND
DISCRIMINATION INHERENT TO BRAZILIAN EDUCATIONAL EXPERIENCE

Alessandro Lombardi Crisostomo

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

alecrisostomo2016@gmail.com

Resumo: O presente artigo se dedica à compreensão dos mecanismos que teceram historicamente o véu ideológico (ADORNO, 1996), envolvido com a naturalização de preconceitos e, consequentemente, a discriminação do outro diferenciado, com ênfase nas questões étnico-raciais. Partiremos da noção de que a presença do autoritarismo no desenvolvimento da sociedade brasileira seria um fator importante para explicar, no contexto brasileiro, o fenômeno da semiformação – como descrito por Theodor W. Adorno (1996), enquanto desencadeador de processos discriminatórios. Nesse sentido, discutiremos as relações entre o autoritarismo e a sustentação de preconceitos fundamentais, em seus aspectos históricos e psicológicos, em especial o racismo contra a população negra no Brasil, sustentado pelo ideário de branqueamento nos processos de miscigenação, identificado entre os fatores ideológicos para a discriminação racial, com consequências sociais importantes. Partir-se-á da análise das condições atuais aparentemente favoráveis, em que se percebe o esforço para a convivência democrática e a valorização das diferenças – amparados por leis e diretrizes gerais da educação - Contudo, há que se evidenciar e discutir as persistentes dificuldades no desenvolvimento da consciência dedicada à desconstrução dos padrões dominantes, fatores estes que determinariam os retrocessos democráticos em meio aos avanços intermitentes no contexto pedagógico e social. Espera-se fomentar a constituição da consciência crítica, por meio da elaboração do passado histórico de modo a contribuir na construção de espaços escolares e sociais dedicados a autorreflexão e o desenvolvimento de experiências significativas e emancipatórias. Além disso, espera-se que tal análise sirva posteriormente como meio para expor o fenômeno em suas manifestações internas à estrutura e dinâmica escolares.

Palavras-chave: Autoritarismo. Semiformação. Discriminação. Educação brasileira. Experiência.

Resumen: Este artículo está dedicado a comprender los mecanismos que históricamente han tejido el velo ideológico (ADORNO, 1996), involucrado con la naturalización de los prejuicios y, en consecuencia, la discriminación del otro diferenciado, con énfasis en las cuestiones étnico-raciales. Partiremos de la noción de que la presencia del autoritarismo en el desarrollo de la sociedad brasileña sería un factor importante para explicar, en el contexto brasileño, el fenómeno de la semiformación – tal como lo describe Theodor W. Adorno (1996), como un desencadenante de procesos discriminatorios. En este sentido, discutiremos las relaciones entre el autoritarismo y el sustento de prejuicios fundamentales, en sus aspectos históricos y psicológicos, especialmente el racismo contra la población negra en Brasil, sustentado en la ideología del blanqueamiento en los procesos de mestizaje, identificados entre los sectores ideológicos. factores de discriminación racial,



con importantes consecuencias sociales. Se partirá del análisis de las condiciones actuales aparentemente favorables, en las que se aprecia el esfuerzo por la convivencia democrática y la valoración de las diferencias -apoyadas en leyes y lineamientos educativos generales-, sin embargo, es necesario resaltar y discutir las persistentes dificultades en desarrollo de una conciencia dedicada a la deconstrucción de estándares dominantes, factores que determinarían retrocesos democráticos en medio de avances intermitentes en el contexto pedagógico y social. Se espera fomentar la constitución de una conciencia crítica, a través de la elaboración del pasado histórico con el fin de contribuir a la construcción de espacios escolares y sociales dedicados a la autorreflexión y al desarrollo de experiencias significativas y emancipadoras. Además, se espera que dicho análisis sirva posteriormente como medio para exponer el fenómeno en sus manifestaciones internas dentro de la estructura y dinámica escolar.

Palabras clave: Autoritarismo. Semiformación. Discriminación. Educación brasileña. Experiencia.

Abstract: This article is dedicated to understanding the mechanisms that have historically woven the ideological veil (ADORNO, 1996), involved with the naturalization of prejudices and, consequently, the discrimination of the differentiated other, with an emphasis on ethnic-racial issues. We will start from the notion that the presence of authoritarianism in the development of Brazilian society would be an important factor to explain, in the Brazilian context, the phenomenon of semi-formation – as described by Theodor W. Adorno (1996), as a trigger of discriminatory processes. In this sense, we will discuss the relationships between authoritarianism and the support of fundamental prejudices, in their historical and psychological aspects, especially racism against the black population in Brazil, supported by the ideology of whitening in the processes of miscegenation, identified among the ideological factors for racial discrimination, with important social consequences. It will start from the analysis of the current apparently favorable conditions, in which the effort for democratic coexistence and the appreciation of differences can be seen - supported by laws and general educational guidelines - However, it is necessary to highlight and discuss the persistent difficulties in development of consciousness dedicated to the deconstruction of dominant standards, factors that would determine democratic setbacks amid intermittent advances in the pedagogical and social context. It is expected to foster the constitution of critical consciousness, through the elaboration of the historical past in order to contribute to the construction of school and social spaces dedicated to self-reflection and the development of significant and emancipatory experiences. Furthermore, it is expected that such analysis will later serve as a means to expose the phenomenon in its internal manifestations within the school structure and dynamics.

Keywords: Authoritarianism. Semiformation. Discrimination. Brazilian education. Experience.

Introdução

O artigo possui como objeto de análise os fenômenos da semiformação¹ atrelados ao autoritarismo, como elementos fundantes – e velados – da estruturação da educação básica no Brasil. Consideramos a desigualdade étnico-racial, mais especificamente, a redução de possibilidades formativas oferecidas à comunidade negra brasileira, o principal resultado que se estende ao longo dos tempos e se mantém na atualidade, a despeito de ações propositivas ou compensatórias voltadas para a redução deste desequilíbrio histórico.

Uma questão central a ser abordada relaciona-se ao conceito adorniano do “véu ideológico”, presente em Teoria da Semicultura (1996). De acordo com o autor, o processo de domínio ideológico produziria o fenômeno de encobrimento dos fatos, de tal maneira a exercer uma

¹ O conceito de semiformação, cunhado pela primeira vez em Dialética do Esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), foi retomado posteriormente por Adorno em Teoria da Semicultura (1996) de modo a qualificar as consequências das estruturas sociais deformadas pelo véu ideológico e os processos sutis de alienação desempenhados ao longo do capitalismo tardio.



integração artificial entre os grupos distintos. Artificial, posto que a imposição do discurso hegemônico não se faz no sentido de combater as discriminações concretas, servindo para validar e naturalizar os privilégios de populações específicas da sociedade em prejuízo das demais.

Kabengele Munanga aproxima-se desse conceito ao apresentar o estudo coordenado pela professora Iray Carone e Maria Aparecida Bento (MUNANGA, 2002, p. 9) sobre o processo de branqueamento da população brasileira, a miscigenação e seus efeitos psíquicos. De acordo com o estudo, o processo de miscigenação, ao invés de favorecer a diversidade e o encontro de matrizes diferentes (sociais, culturais, históricas) teria servido aos objetivos ideológicos de depuramento da raça, por meio do enfraquecimento das matrizes consideradas inferiores, como as dos povos indígenas e africanos em nosso país, e o gradual predomínio dos discursos ideologicamente dominantes. A miscigenação, nesse sentido, teria servido para o ideal da homogeneização biológica, enquanto etapa preliminar em direção à supressão das diferenças. Uma redução artificialmente conduzida pela perspectiva de diluição e dissipação de características remanescentes atribuídas a determinadas culturas, em especial a cultura do negro africano e do indígena.

O avanço obtido no estudo sobre o processo de branqueamento estaria em identificar exatamente as ações e políticas públicas com vistas à miscigenação no Brasil, que não pode ser confundido com uma abertura para a diversidade. Ainda que as diferenças existam em termos concretos, estas seriam soterradas e suprimidas abaixo da camada - ou véu ideológico da miscigenação - que, por sua vez, passa a ser concebida erroneamente como diversidade.

Assim sendo, a miscigenação, que bem poderia servir para a convivência entre as diferenças em todos os sentidos, inclusive, em termos políticos – uma necessidade inerente ao contexto atual –, tem sido sustentada historicamente com a intenção inversa, isto é, como forma de garantir o predomínio do discurso único e reducionista, ao passo que, gradativamente, as características de determinadas culturas foram diluídas e, consequentemente, enfraquecidas, atendendo ao objetivo civilizatório de longo prazo previsto pelas classes dominantes, sobretudo, ao longo do século XIX durante o processo abolicionista (SCHWARCZ, 1993).

Semiformação e autoritarismo: algumas conceitualizações

A pesquisa em torno do conceito de semiformação na perspectiva adorniana, devido ao amplo espectro de referências filosóficas, psicanalíticas, políticas e estéticas, tem como potencial a capacidade de estabelecer instrumentos analíticos concernentes às dimensões acima descritas, fomentando, deste modo, a interdisciplinaridade, tão cara à educação bá-



sica na atualidade. Neste sentido, conduzimos a proposta de elaboração crítica do passado histórico, enquanto característica essencial para a formação humana integral. Sugerimos a análise concreta das estruturas sociais que sustentam a sociedade e ampliam o conceito de formação em uma perspectiva emancipatória, destinada a gerar condições amplas de desenvolvimento humano, para além das habilidades técnicas.

Em Adorno (1996), o tema da semi-formação e a crise na educação contemporânea partem de condições históricas bem definidas. No período após a Segunda Guerra Mundial, observaram-se as dificuldades individuais e coletivas para se romper com a inércia do contexto social, marcado pelos episódios – naquele momento - recentes de violência e barbárie. O autor toma o fato histórico mais próximo e contundente – o holocausto dos judeus - como base de sua reflexão geral sobre a educação, a qual envolveria aspectos éticos e da psicologia social.

No período do pós-guerra, as feridas ainda abertas pelos horrores da regressão à barbárie foram sintetizadas na experiência vivida por milhares de judeus em Auschwitz. Adorno, quando se dispôs a debater em intervenções públicas sobre os problemas educacionais, propôs que os objetivos formativos fossem redefinidos, tendo por base a emergência concreta de que tal experiência regressiva não voltasse a se repetir. Como é expresso em *Educação e Emancipação*:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impõe. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz. (ADORNO, 2020, p.119).

Segundo Alex Sander Silva (2013, p.70), Adorno volta-se para a análise da condição humana imposta após essa catástrofe, tomando Auschwitz como o próprio símbolo da consciência “coisificada”. Seria também o grande símbolo da Modernidade², de uma civilização afetada pelos desdobramentos da racionalidade exclusivamente técnico-instrumental³. Enquanto criação humana, tal evento exigiria a leitura do processo histórico, racionalmente planejado, que culminou em sua efetivação. Haveria a necessidade de analisar os aspec-

² Aqui não nos referimos à Modernidade em termos históricos restritos, mas queremos indicar a difusão do pensamento racionalista a partir do século XVII na Europa, o qual teve como principal expoente o filósofo René Descartes. A partir dele, desenvolveu-se uma tradição científico-filosófica pautada pela distinção metódica e racional da realidade, influenciando diretamente a dinâmica social, as crenças e valores, assim como o modo de produzir conhecimento.

³ Ao longo do texto, consideraremos ainda a concepção de Modernidade e racismo discutida pelo movimento negro. Conferir em A crítica da razão negra (MBEMBE, 2014).



tos de cunho social, não restritos a indivíduos isolados, que permitiram tal acontecimento; pensar a cultura e a ética após Auschwitz seria pensar sobre as forças materiais que atuam efetivamente na construção dos sujeitos e suas subjetividades.

Wolfgang Leo Maar (2020, p. 12) comenta a tese adorniana, na qual observa a condição paradoxal da sociedade alemã, em que a educação e a formação cultural exerceram tradicionalmente importante papel e, no entanto, tal condição cultural não impediu que a mesma sociedade fosse conduzida inexoravelmente à barbárie. A análise crítica neste ponto serviria para revelar as raízes deste movimento, ao explicitar as condições determinadas da regressão à barbárie, para então se pensar em meios de interferir no rumo dos acontecimentos. Seria essencial pensar a educação e a própria sociedade em seu devir e elaborar alternativas para capacitar os indivíduos a interromperem a repetição da barbárie, antes de sua efetiva concretização. Esta condição contraditória da sociedade é descrita por Adorno, no seguinte trecho:

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. O pathos da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto. (ADORNO, 2020a, p.116-117).

É possível observar que o referencial psicanalítico – presente na obra dos principais autores frankfurtianos –, será importante na teoria adorniana para se compreender o conceito de barbárie, relacionado à questão da formação. Sigmund Freud, na obra *Psicologia de grupo e análise do ego* (1974a, p.134-138), já sinalizava para a dialética contida no processo de esclarecimento. Afirmava que, na essência da cultura, haveria elementos contrários à própria cultura, os quais nenhum tipo de medida seria capaz de resolver plenamente. Apesar disso, considerou lícita e justificável a tentativa de questionar o estado cultural em que se vivia, buscando formas satisfatórias de proporcionar condições mais favoráveis de vida. O impulso anticivilizatório, inerente à atividade humana em grupo, poderia ser evidenciado pela análise sobre a sociedade, em que se procura descobrir as raízes de sua imperfeição. Elaborando criticamente a racionalidade, o indivíduo seria capaz de expor as ambiguidades sociais e evitar manifestações perigosas ou prejudiciais como a identificação inconsciente a coletivos, capazes de produzir o que Freud chamou de “miséria psicológica da massa”.



Adorno ponderou que a regressão psíquica e o fenômeno da falsa projeção estariam na constituição e preservação do autoritarismo, tanto em regimes autoritários de grande escala – como foi o nazismo alemão – como em personalidades individuais, inerentes aos modelos democráticos de sociedade - como a sociedade estadunidense⁴. O narcisismo coletivo - outro termo oriundo do meio psicanalítico - seria essencial para a compreensão dos episódios de barbárie na sociedade contemporânea. O autoritarismo e o narcisismo seriam aspectos complementares nos regimes totalitários; consequência da má formação do ego⁵. Este perfil psicológico refletiria o contexto social em que os indivíduos são formados sem o referencial seguro de identificação na primeira infância. Em torno dos regimes totalitários, o narcisismo coletivo representaria a identificação das massas indiferenciadas com os ideais projetados na figura do líder, no anseio inconsciente de suprir a identificação não satisfeita no período de formação inicial do sujeito.

O nazismo foi o grande exemplar moderno em que a figura do líder autoritário captou esta má formação psíquica, organizando a coletividade em torno de ideais comuns. O narcisismo coletivo produziria a identificação com a uniformidade, ao mesmo tempo em que repele e pretende destruir qualquer tipo de expressão diferenciada. Entende-se que o narcisismo coletivo está relacionado ao mecanismo psicológico da falsa projeção⁶ já descritos por Adorno e Horkheimer na *Dialética do esclarecimento* (1985), em que se expõe a questão dos elementos do antisemitismo. Ocorreria nesse processo, a percepção errônea do outro diferenciado como a representação do “mal”, da ameaça externa; semelhante caracterização reproduziria impulsos e aspectos que foram reprimidos, mas que permanecem como ameaça interna, subjacentes aos indivíduos e coletivos. Como afirmam os autores:

O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização. Os mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos [...] O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa [...] A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.174).

O resultado da combinação dos fatores psicológicos acima referidos seria a condição de frieza em relação ao sofrimento alheio. O processo de racionalização das emoções, em paralelo à racionalização da sociedade moderna, imprimiria como característica marcante a negação de elementos diferenciados. Rejeitaria, sobretudo, o potencial de questionamento e problema-

4 Conferir os Estudos sobre a *Personalidade Autoritária* (ADORNO, 2019).

5 Consideraremos as contribuições da obra *O espectro de Narciso na Modernidade: De Freud a Adorno* (AMARAL, 1997) para o detalhamento acerca das intersecções entre a psicanálise e a teoria adorniana.

6 Conferir o delineamento contemporâneo do conceito de falsa projeção contido em Amaral (1997).



tização, compreendido como ameaça à ordem estabelecida. A frieza corresponde à rejeição de impulsos que foram ofuscados pela prática consciente, mas permanecem subjacentes à toda atividade humana. Enquanto negação inconsciente de si mesmo, o sujeito encontraria no outro a ocasião para a prática da violência sobre o que não foi capaz de reconhecer em si, destruindo em si mesmo a capacidade de identificação do indivíduo com seu semelhante em suas diferenças.

A incapacidade de identificação e conexão entre os indivíduos sinalizaria para questões éticas inerentes ao desenvolvimento histórico da sociedade moderna; o fato de acontecimentos bárbaros serem tolerados pela coletividade parece indicar a indiferença dos indivíduos perante o sofrimento alheio, imperando as relações imediatas pautadas pelo interesse individualista, acima de qualquer outro valor ético. Como afirma Adorno em *Educação e Emancipação*:

Se ela [a frieza] não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais. Isto se sedimentou de modo mais profundo no caráter das pessoas. [...] Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos (ADORNO, 2020b, p.134-135).

A experiência de extermínio em massa em Auschwitz, algo realizado de modo extremamente burocratizado, isento de paixões, com total frieza diante das consequências humanas de tais sofrimentos, teria sido o exemplo máximo da história recente abordada por Adorno. O imperativo ético sugerido pelo autor – redirecionar os objetivos educacionais para a meta de evitar que tal experiência volte a se repetir – traz consigo a gama de questões não restritas à área de educação, mas que envolvem a sociedade em suas múltiplas facetas, a dimensão histórica, antropológica, psicológica e cultural.

A elaboração crítica da discriminação no Brasil

Iray Carone, em seu *Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira* (2002, p. 13-23), apresenta os resultados de sua pesquisa interdisciplinar realizada ao longo de quatro anos, sobre a questão da ideologia do branqueamento na história recente no Brasil. Contudo, identifica que o processo de miscigenação com o intuito de diluição das matrizes culturais dos povos subjugados - indígenas e negros – teria ocorrido desde o período colonial, um projeto civilizatório com objetivos bem delineados.



A discussão sobre a ideologia do branqueamento concorre para o entendimento sobre a negação da identidade negra, tanto pela população negra como pelo conjunto da sociedade, e imposição de valores ou princípios - domínio ideológico - como condição da integração social das populações afrodescendentes. Um tipo de extermínio sutil, que é encoberto pelo véu ideológico, representado aqui pela noção de integração social das populações negras por meio da mestiçagem. Nota-se que o conceito de integração, em Adorno, aparece na discussão sobre a semicultura e está vinculado à questão do véu ideológico, a partir do qual, haveria a redução qualitativa no tocante à diversidade cultural, o predomínio dos padrões hegemônicos que se sobrepõem aos demais, e, por consequência, um tipo de formação reduzida, esvaziada, danificada, posto que incapaz de compreender e relacionar as diferenças concretas.

É importante considerar historicamente a influência do positivismo na constituição das teorias de raça dedicadas à diluição – redução – das culturas consideradas inferiores, sobretudo, ao longo do processo abolicionista no século XIX. Princípios do positivismo teórico foram utilizados para sustentar a ideologia do branqueamento, propondo assim, um processo de diluição daquilo que foi entendido como anomalia, qual seja, a mistura entre as raças. Pautando-se pela noção de que efetivamente a miscigenação rebaixaria as raças superiores e reduziria o potencial civilizatório da sociedade. Optou-se, então, pelo projeto de longo prazo calcado na diluição, enfraquecimento, cerceamento, das culturas tradicionais dominadas. Junto à concepção de uma espécie de “purificação” progressiva da raça, parece haver a ideia de purificação da própria cultura, ao impor a negação de tudo que fosse diferente e, portanto, considerado inferior ao padrão hegemônico.

Esse processo constitui ainda hoje os fundamentos da negação do lugar de fala, a negação das identidades negras e indígenas, o aniquilamento da memória, em última instância, como requisito para permitir a integração à cultura nacional dessa população segregada. Destacam-se alguns conceitos determinantes na investigação do problema, tais como: diluição, negação de si, negação da memória, entre outros. Um exemplo ilustrativo pode ser verificado no sincretismo religioso: bem diferente de uma “mistura” espontânea de crenças tradicionais, o sincretismo foi norteado pelo impedimento, a proibição dos cultos tradicionais africanos e indígenas. De fato, não seria possível defender como um processo “natural” aquilo que teve raízes na negação do outro, na exploração e abuso, em suma, no aniquilamento da memória.

Nesse ponto encontra-se a intersecção com o conceito de autoritarismo. A imposição autoritária dos padrões culturais “aceitáveis”, remete à noção de que as manifestações da



diversidade, isto é, as diferenças, deveriam ser sufocadas para que prevaleça a posição oficial e depuradora da realidade. Tem-se, em última instância, uma espécie de fundamento científico para o autoritarismo, o mesmo que fundamentou o projeto gradual de branqueamento e conduziu os principais eventos históricos que marcaram a história do país. Neste sentido, percebe-se que termos como: branqueamento, véu ideológico, autoritarismo, negação das identidades e das diferenças, constituem uma constelação conceitual em torno do problema do racismo no Brasil. São conceitos interseccionados, os quais podem ser identificados ao longo do processo de constituição da cultura brasileira, desde o período colonial, mas com maior efetividade a partir da influência do positivismo teórico do final do século XIX.

Contudo, diferente do intento e da ideologia da integração reducionista, conduzida pelas classes dominantes durante o desenvolvimento da sociedade brasileira, as matrizes sufocadas pelo domínio branco foram pulverizadas e se espalharam em cada manifestação social, desde a linguagem, às artes, e às ciências. No mosaico brasileiro, em que se configura uma imagem única, na qual é refletido o ideal do branco europeu “aclimatado” ao ambiente tropical, se observado de perto, guarda a complexidade de manifestações culturais suprimidas pela diversidade ideologizada e confundida com miscigenação. Nesse ponto, destaca-se a necessidade de identificação dos mecanismos de controle a partir dos quais o véu ideológico é sustentado. Em tal medida justifica-se o esforço pela elaboração do passado histórico, de tal modo a expor os fundamentos do racismo no Brasil e seus efeitos atuais, o papel da ideologia do branqueamento nesse processo e os instrumentos de resistência elaborados no contexto brasileiro em específico.

A partir da compreensão crítica da história, há muito o que se discutir na atualidade. Sinésio Ferraz Bueno (2010, p.306), por exemplo, chama a atenção para a atualidade das condições que impelem à barbárie. O autor, seguindo a Teoria Crítica, salienta que as condições geradoras dos tipos de barbárie peculiares ao fascismo estariam ainda presentes na sociedade contemporânea, não sendo de modo absoluto incompatíveis com as instituições democráticas em vigência. Este fenômeno seria identificável no processo de atração e de redução psíquica, exercida pelos coletivos sobre os indivíduos, assim como a influência hipnótica de líderes autoritários, capazes de mobilizar a libido individual em meio à coletividade. A leitura rígida e estereotipada da realidade ainda seria capaz de despertar a fúria inquisitiva sobre as vítimas do momento que são intercambiáveis, variando de acordo com a situação. Sobre a questão – e interseccionado ao tema do racismo - poderíamos incluir inúmeros exemplos de violência, movidos pela intolerância étnica, religiosa ou de gênero.



Tais episódios são, em muitos casos, patrocinados por grupos e organizações não governamentais em eventos coletivos.

Newton Ramos de Oliveira e Antônio Álvaro Soares Zuin (2011, p.580) chamam a atenção para o isolamento dos indivíduos e o abismo entre as relações humanas nos tempos de interconectividade. Observam, em conformidade com a teoria adorniana, que, junto ao progresso científico sem precedentes na história, uma nova barbárie transpassaria todos os aspectos da existência. Tal condição seria refletida pelo modo como as escolas reproduzem o entorpecimento cultural que atualmente constitui os valores vigentes pautados pelo hedonismo vazio, a liquidez das relações e os atos constantes de ódio e intolerância que permeiam toda a sociedade. Ver e entender o abismo que separa as pessoas, assim como os reflexos desse processo na educação seria fundamental no momento presente, em que os indivíduos estão extremamente conectados pelas novas tecnologias, mas talvez mais solitários do que nunca em determinados aspectos.

A experiência crítica na formação

Diante do exposto até aqui poderíamos nos perguntar: Seria cabível considerar a noção de emancipação elaborada desde a Modernidade e repensada criticamente em termos contemporâneos pelos filósofos críticos, como instrumento de interpretação da realidade brasileira, em suas estruturas e manifestações de discriminação e violência como as elencadas anteriormente?

Certamente, não basta o estudo analítico de referências teóricas, no restrito campo da intelectualidade, para formar educadores capazes de refletir e atuar criticamente a partir das condições sócio-históricas, as quais constituem o contexto que vivenciarão com os estudantes em sala de aula. Entretanto, a reflexão sobre as intervenções públicas de Adorno sobre a educação contribui para o entendimento mais detalhado acerca do conceito de experiência, este enquanto chave para a interpretação dos processos formativos. A experiência efetiva seria constituída de dimensões complementares, colaborativas, interdependentes, as quais potencializariam o processo formativo, e, porventura, emancipatório. Neste sentido, os projetos de pesquisa e intervenção crítica sobre os problemas da educação seriam mais bem geridos se partissem da análise concreta das condições materiais envolvidas na questão.

O debate sobre a crise da educação contemporânea não representa um tema incommon ou recente na história da Pedagogia, assim como, o conceito adorniano de semifor-



mação. Como exemplo, podemos considerar as pesquisas de Andreas Gruschka, a partir da década de 1990. O autor desenvolveu trabalhos teóricos e de campo para a cooperação entre faculdades e professores ou grupos em torno da análise sobre a viabilidade de reformas para o sistema de ensino profissional. Os resultados do trabalho foram observados na sistematização de conceitos oriundos da Teoria Crítica, como a noção de pedagogia negativa, compreendidos na dinâmica empírica de propostas didáticas e metodologias de ensino.

No Brasil, entre outras iniciativas caberia mencionar o grupo de pesquisa Teoria Crítica e Educação, organizado pelos professores Bruno Pucci, Antonio Álvaro Soares Zuim, Alex Sander da Silva. Iniciado também na década de 1990, se envolveu desde então no trabalho de tradução de obras, mas também conferências e colóquios dedicados à interlocução entre projetos conduzidos em diferentes regiões e contextos do país. São indicativos de que, atualmente, no contexto de estudos sobre a educação no Brasil constam alguns dos conceitos oriundos da Teoria Crítica, sobretudo a noção de semi-formação e as intervenções de Adorno sobre as questões contemporâneas do campo da educação (2020). Contudo, é justamente na repercussão irrefletiva de conceitos, transfigurados em ideais formativos, que jazem as principais dificuldades para o desenvolvimento da experiência formativa de caráter emancipatório. A principal ressalva às tentativas atuais de reinterpretar a tradição dos frankfurtianos estaria no possível esvaziamento do potencial crítico, subjacente aos esforços de sistematização de princípios, os quais são propostos como disruptivos, anti-sistemáticos, isto é, instrumentos de resistência e oposição as quais – talvez – não sejam passíveis de se incluir em programas rígidos em larga escala.

De fato, esse é um dos grandes desafios de projetos voltados para a pesquisa-ação, qual seja, articular criticamente os referenciais teóricos geridos em contextos distintos à concretude vivenciada pelo grupo de pesquisa, de tal forma a superar possíveis contradições e construir reflexões significativas para o entendimento da realidade histórica, em suas particularidades e possíveis conexões com conceitos mais amplos. Cabe o compromisso de pesquisadores e intelectuais com o engajamento em pesquisas que visem romper com essa dicotomia entre teoria e prática, de tal forma a conduzir experiências formativas e de formação continuada entre os profissionais da área, dedicadas a estabelecer intersecções entre as teorias “clássicas” e os estudos contemporâneos sobre o tema.

Atualmente, é possível reconhecer trabalhos e experiências que indicam a importância de repensar a educação sob a perspectiva de elaborar o passado histórico e reduzir os efeitos do racismo (HOOKS, 2017). Contudo, em países como o Brasil, o desafio envolve a formação docente - inicial e continuada – e amplia-se devido à intensa complexidade e



profunda desigualdade social. As desigualdades manifestas nos âmbitos: geográfico, social, econômico, e, consequentemente, político, produzem na prática as discrepâncias que se materializam no desequilíbrio entre oferta ou restrição de oportunidades, determinantes para a configuração desigual da sociedade, o que se configura já na desigualdade de condições básicas para o acesso às oportunidades.

Encontramos em cidades como São Paulo, por exemplo, a coexistência intolerável entre os extremos. No que concerne à educação, alguns fatores são decisivos para a configuração do cenário de desigualdade: a falta de acesso à cultura, lazer, saúde e cidadania, os quais ainda são distantes e quase inacessíveis para as populações situadas em regiões periféricas. Tal condição afeta e interfere no desenvolvimento de experiências formativas dedicadas à comunidade escolar – famílias, estudantes e profissionais da educação. Infraestrutura precária, poucos recursos disponíveis, e a carência de projetos voltados à formação continuada dos docentes, tendo em vista a melhoria na qualidade das práticas pedagógicas. São aspectos que demonstram, em especial nas escolas de regiões periféricas, a falta de oportunidades ou projetos dedicados à melhoria da educação, o que tende a perpetuar as condições desfavoráveis de desigualdade extrema entre camadas muito definidas da sociedade.

Considerações finais

Vê-se que a miscigenação, enquanto traço característico da sociedade brasileira, serviu historicamente ao oposto do que se afirmou em termos ideológicos, isto é, ao invés de favorecer o reconhecimento das diferenças e o fortalecimento da pluralidade, esteve vinculado ao projeto de branqueamento da sociedade brasileira a partir do final do século XIX, com prejuízos étnicos e culturais aos grupos sociais não-brancos, prejuízos estes inerentes às estruturas sociais e aos sistemas públicos de atendimento da população.

A Teoria Crítica, na qual enfatizamos as reflexões de Adorno sobre a Educação contemporânea, oferece instrumentos de análise ainda atuais para a compreensão dos fenômenos explicitados: autoritarismo, semiformação e o desencadeamento de discriminações no interior das sociedades, uma vez que aborda os fenômenos a partir de sua concretude e considera os diversos aspectos implicados, entre estes: o social, o psíquico, o ético e o estético, de modo a permitir os contrapontos à tendência contemporânea de predomínio da racionalidade técnico-instrumental sobre os demais aspectos da configuração humana.



Partindo da problemática atual é possível, gradativamente, penetrar em camadas mais profundas de entendimento sobre as condições estruturais das discriminações e desigualdades. Como cerne deste tipo de elaboração crítica estaria, entre outras questões, a diluição das culturas historicamente violentadas – afro-brasileiras e indígenas – enquanto parte do processo de estruturação social, econômica, geográfica e política da sociedade.

Caberia, portanto, ampliar a perspectiva no sentido de discussões e intervenções que se desdobrem no contexto acadêmico, social e escolar, tendo em vista a elaboração crítica do processo histórico brasileiro, em suas tensões e possibilidades. Além do rigor teórico diante de conceitos, se faz necessário caminhar na direção de novas perspectivas e compreender a realidade a partir do dinamismo e plasticidade que são característicos da experiência.

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Teoria da semicultura (1959). **Educação e sociedade**, Campinas, ano XVII, n. 56, dez. 1996.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra 5^a Edição, 2020. p. 97-117.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra 5^a Edição, 2020b. p. 119-138.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação – para quê? In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra 5^a Edição, 2020c. p. 139-154.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. Educação e Emancipação. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação** (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra 5^a Edição, 2020d. p. 168-185.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Estudos sobre a personalidade autoritária** (1975). São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento** (1947). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.
- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira. **O Espectro de Narciso na Modernidade: De Freud a Adorno**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.



AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira. **O que o rap diz e a escola contradiz: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo** - 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes 2^a Edição, 2017.

BUENO, Sinésio Ferraz. Educação, paranoia e semiformação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 299-316, ago. 2010.

CARONE, Iray. **Breve Histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira** (p. 13-23). In: CARONE, I; BENTO, M. A. (orgs.) **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 13-23.

FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. (ESB,18). p. 89-179.

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. (ESB, 21). p. 81-171.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e Educação: A Frieza como Mal-Estar Moral da Cultura Burguesa na Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2014.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra 5^a Edição, 2020. p.11-28.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MUNANDA, Kabengele. Prefácio. In: CARONE, I; BENTO, M. A. (orgs.) **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-12.

OLIVEIRA, Alessandro Eleutério; ZUIN, Antonio Álvares Soares. Alunos e professores no Orkut: a educação escolar arena ciberespacial. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 34, p. 561-582, set/dez. 2011.

SILVA, Alex Sander. Auschwitz e a interrupção da poesia ou uma crítica imanente da barbárie contemporânea. **Impulso**, Piracicaba, v.23, n.58, p.69-79, out/dez. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870/1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: 22/10/2023

Aceito em: 21/02/2024